

Andando em Círculos

JORNAL DO BRASIL

07 FEV 1999

É impressionante como os políticos brasileiros, quando procuram se mirar no exemplo de Juscelino Kubitschek – conhecido como o presidente do desenvolvimentismo –, não conseguem ser mais que a caricatura do seu pior momento: o repúdio ao acordo com o FMI no começo de 1959. O acordo já nasceu como letra morta, porque as metas fiscais prometidas para o fim do ano estavam ultrapassadas em dezembro anterior.

O ato público de quinta-feira na ABI – promovido por partidos de esquerda, centrais sindicais e funcionários de estatais, tendo o governador Itamar Franco como estrela, não passou de tosca reencenação de espetáculo velho, que o país já está cansado de assistir. O Brasil não vai para a frente andando em círculos.

Não foi o Fundo Monetário Internacional que forçou o Brasil a recorrer aos seus préstimos e exigiu em troca o rígido programa de ajustamento fiscal. Se dependesse dos formuladores do Plano Real, o Brasil jamais iria bater às portas do FMI. Mas os formuladores cansaram de advertir que o real não se sustentaria apenas com o câmbio amarrado e os juros nas alturas.

Ao contrário, cansaram de alertar – sobretudo os momentos críticos (México, em 95, Ásia, em 97, e Rússia, em 98) tornaram explícita a vulnerabilidade dos fundamentos macroeconômicos do Brasil – para a necessidade da urgência na aprovação das reformas e das medidas de ajuste no campo fiscal para liberar o câmbio e os juros, processo de desgaste.

Como a engenharia econômica do real estava reduzindo gradativamente a inflação – embora empurrando a economia e o emprego para baixo e os déficits público e de conta corrente

para cima –, as forças políticas que apóiam o governo fizeram ouvidos de mercador. Deram preferência à reeleição e ao loteamento político do país.

A oposição, sem esperança de chegar ao poder pelo voto, passou a apelar para teses alarmistas. Primeiro dizia que o real – considerado em 1994 uma “fraude eleitoral” – não resistiria às crises externas. Depois da crise asiática, a esquerda encampou a tese da desvalorização da moeda, defendida pela direita no começo do plano.

A vinda da missão especial do FMI ao Brasil, marcada com antecedência, sob a coordenação do vice-diretor Stanley Fischer, retirou velhos *slogans* do fundo do baú político. A verdade é que o Brasil está tendo de fazer nova renegociação com o FMI, tornando mais severas as metas de ajuste fiscal (os 3% exigidos como superávit primário este ano só deviam ser alcançados em 2001), porque a desvalorização do real alterou completamente a relação entre receitas e despesas acertada em dezembro.

A desvalorização do real ocorreu porque medidas complementares não foram aprovadas a tempo. Depois que a desvalorização levou o país de roldão, o Congresso passou a aprovar tudo, mas o acerto será muito mais doloroso. Não adianta transferir a culpa ao FMI.

O FMI não é o *bicho-papão*. Apenas tenta funcionar como hospital (nem sempre com êxito; na maioria das vezes agrava a doença) de economias enfermas. Mas a enfermidade chegou ao ponto que chegou por culpa exclusiva do doente, que foi negligente diante dos sinais de advertência.